



# O resgate

# do gato

A noite mais louca da minha vida começou quando *Rudy* entrou no triturador de lixo

POR PATTI SCHROEDER

**C**ERTA NOITE, por volta das dez horas, ouvi meu marido Rich gritando na cozinha. Corri para ver o que era: nosso gato, *Rudy* – ou melhor, o corpo aparentemente sem cabeça de *Rudy* –, estava dentro da pia, se contorcendo, com as garras estalando no metal. Rich mexia desesperadamente no cano embaixo da pia. Rich, logo descobri, jogara um pedaço de pele de salmão defumado no triturador de lixo, e *Rudy* mergulhara atrás dele.

Preciso dizer: é perturbador ver o corpo sem cabeça do seu gato. Estou falando de um bichinho com quem eu durmo toda noite, há dez anos, que se aninha debaixo das cobertas e ronrona encostado em mim. Também era perturbador ver Rich, que nunca perdia a calma em situações de emergência, quase à beira da histeria. Para completar, havia o irmão gêmeo de *Rudy*, *Lowell*, que ora lambia o traseiro de *Rudy* para confortá-lo, ora o mordida, morrendo de medo também.

Tentamos fazer *Rudy* deslizar para fora do triturador lubrificando sua cabeça e seu pescoço com xampu e manteiga. Não deu certo. *Rudy*, agora escorregadio, continuava lutando para se libertar. Rich decidiu desmontar o triturador, mas não conseguiu. Minha função nesse processo foi tentar acalmar *Rudy*, com *Lowell* se esgoelando e Rich fazendo uma bagunça com as ferramentas.

Liguei para o encanador, que me retornou a ligação, embora já fossem onze da noite (valeu, Dave!). Ele explicou para Rich como desmontar o triturador, mas mesmo assim não conseguimos soltar *Rudy*. Liguei para uma empresa de controle de pragas e para o veterinário, em vão.

Por fim, quando vi que as almofadinhas das patas de *Rudy*, normalmente cor-de-rosa, estavam azuis, liguei para a emergência. A atendente disse que enviaria dois policiais.

Os dois chegaram quando já era quase meia-noite. Abismado com a situação, o policial Mike não parava de repetir que nunca vira nada igual. O policial Tom, que se mostrou solidário - "Tive gatos a vida toda", disse, confortador -, teve uma idéia. Precisávamos de uma ferramenta específica, uma pequena serra circular, com a qual conseguiríamos cortar a borda de plástico que apertava o pescoço de *Rudy*, e ele, por acaso, tinha uma. "Moro a cinco minutos de carro daqui", disse ele. "Vou pegá-la."

Quando Tom voltou, Rich e ele foram para debaixo da pia tentar cortar o triturador. Fiquei em cima do bal-

cão da cozinha, segurando *Rudy*. Eles conseguiram tirar a parte de baixo do triturador; agora podíamos ver a cara do *Rudy*, e sabíamos que ele estava podendo respirar. Mas era possível cortar a borda sem (literalmente) arriscar o pescoço do gato.

"Se pudéssemos tirar a pia daí, aposto que conseguiríamos fazê-lo deslizar para fora", disse Tom. Mike contou que trabalhava como empreiteiro nos fins de semana e que sabia tirar a pia do lugar. Eles se puseram a trabalhar, e os três pares de pernas, que agora estavam embaixo da pia, ficaram rodeados por uma pilha cada vez maior de ferramentas e pedaços de encanamento. Uma hora depois, pronto! A pia havia sido retirada do balcão da cozinha. Um dos rapazes segurava o triturador, dentro do qual estava a cabeça de *Rudy*, perto da pia, onde estava o corpo de *Rudy*. Viramos tudo de lado, mas, mesmo por esse ângulo mais favorável, *Rudy* continuava preso.

O RÁDIO DE TOM deu um bipe, chamando-o para resolver algum problema. Antes de ir embora, ele teve outra boa idéia. "Precisamos sedar o gato. Se ele estiver desacordado, podemos fazê-lo deslizar para fora." A clínica veterinária que atendia emergências ficava ali perto, mas não sabíamos exatamente como chegar lá. "Eu sei onde é", declarou Mike. "Sigam-me!" Mike entrou em seu carro, Rich sentou-se no banco do motorista do nosso carro e eu fiquei no banco de

trás, carregando a pia, o que restara do triturador e *Rudy*. Eram cerca de duas da manhã.

Já estávamos seguindo Mike há alguns quarteirões quando decidi pôr a mão dentro do triturador para fazer carinho em *Rudy*, esperando confortá-lo. Mas meu doce e gentil companheiro de cama mordeu meu dedo com toda força, e não queria soltar. Dei um grito, por puro reflexo. Rich deu uma freada brusca, berrando: “O que aconteceu?! Devo parar?”, tentando ver como estávamos pelo retrovisor. “Não”, consegui dizer entre um grito e outro, “continua dirigindo. *Rudy* está me mordendo, mas precisamos chegar ao veterinário. Vai!”

Depois de alguns minutos, *Rudy* me soltou. Olhei pela janela e descobri que estávamos andando sem rumo por uma área industrial, entrando e saindo de estacionamentos, passando por ruas que não conhecíamos. “Aonde ele está nos levando?” perguntei eu. “Devíamos ter chegado há uns dez minutos!” Rich estava tão espantado quanto eu, mas finalmente Mike parou no estacionamento de uma igreja. Nós paramos também. Quando Rich abriu sua janela, o policial, que não era Mike, abriu a dele também e perguntou: “Por que vocês estão me seguindo?” Quando eu e Rich nos recuperamos do choque de haver seguido o carro de polícia errado, e o policial se recuperou da irritação por estar sendo seguido, ele rapidamente nos levou até a clínica veterinária, onde Mike perguntou espantado: “Onde vocês estavam?”

**T**UDO FOI bem menos complicado a partir de então. Os funcionários da clínica sedaram *Rudy*, que a essa altura já estava em choque, e depois passaram meio tubo de vaselina em seu pescoço, conseguindo libertá-lo. Então, a equipe inteira deu início aos procedimentos de emergência. Uma pessoa pegou um secador de cabelos para aquecer a cabeça de *Rudy*, que era uma maçaroca melada. O pêlo dele secara, formando pequenas pontinhas duras, fazendo-o parecer um ridículo gato *punk*, sedado e imóvel.

Eles nos mandaram para a sala de espera. Às três da manhã o veterinário veio nos dizer que o prognóstico era de recuperação total. Bem na hora da boa notícia o policial Tom entrou, querendo saber de *Rudy*.

Resgatar *Rudy*, um gato pelo qual não pagáramos nem um centavo, nos custou US\$ 1.100, incluindo a conta da clínica veterinária, o tratamento subsequente, uma pia nova, novos canos, fiação nova e um novo triturador de lixo – agora com tampa. O veterinário já pode dizer que viu de tudo. Escrevi uma carta para o chefe de polícia elogiando os policiais Tom e Mike e mandei bilhetes de agradecimento aos dois com fotos de *Rudy*, para que eles pudessem ver como ele era com cabeça.

E pelo resto de sua longa e atribulada existência, *Rudy* dormiu embaixo das minhas cobertas em noites frias e, inexplicavelmente, ainda ronda a pia, na esperança de encontrar o peixe. ■